

A transfobia e a trans-missão na experiência de um psicanalista trans¹

Martin Paiva de Magalhães²

Resumo: O trabalho em tela discute a transfobia na psicanálise, convidando analistas a reverem seus privilégios cisgêneros. A proposta deste ensaio é inverter a lógica do discurso hegemônico que nomeia (e patologiza) a diferença, empenhando-nos (a partir do lugar situado de um psicanalista trans) em localizar no campo das práticas psicanalíticas redes de enunciados (cis)normativos. Nosso objetivo é repensar a formação de analistas, considerando as marcas da cisnormatividade na construção epistemológica deste campo de saber. Nos empenhamos em analisar redes enunciativas que configuram discursos e práticas transfóbicas em uma experiência situada em um coletivo de psicanalistas periféricos. Acompanhar esses movimentos enunciativos é essencial para compreender como a transfobia é estruturada e sustentada por narcisismos das pequenas diferenças. Os princípios do método nesta problematização se apoiam na autoteoria, que analisa a teoria através da própria experiência. Os resultados deste ensaio sugerem possibilidades de inflexão ética e política no campo psicanalítico, a partir de uma abertura à revisão de seus princípios normativos, convocando a inscrever um saber transmasculino na (trans)formação da psicanálise, situando numa transição epistêmica.

Palavras-chave: Transfobia. Psicanálise. Formação.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Psicanalista em formação, com percurso nos Fóruns do Campo Lacaniano e em Coletivos. Mestre em Educação (UERJ-CAPES). Psicólogo (UTP). Pós-graduado em Psicanálise e Relações de gênero: ética, clínica e política (IPPERG). Transativista, de terreiro. Coautor em "Psicanálises transviadas" e "Isso não é Psicanálise?".

Neste trabalho, me movo a partir de uma experiência em um coletivo de psicanalistas periféricos, situando um outro formato de fazer clínica e formação analítica que se instala no contexto contemporâneo, por meio das *Clínicas públicas de Freud* (Danto, 2019), inspirando a criação de coletivos de psicanálise no Brasil na última década. Nessa reflexão considero a luta de classes, raça, gênero e sexualidade como elementos centrais para pensar-praticar a clínica analítica hoje.

Com isso, ao problematizar a transfobia presente na formação analítica, questiono: de que modo a autoteoria trans pode contribuir para transmitir o ensino analítico? Por meio de uma autoteoria, aposto em evidenciar na teoria como a prática se manifesta. A autoteoria é aqui uma experimentação corporal, que consiste em uma prática ética e política. Para ser analista é preciso ser cobaia, enquanto que analisar a própria existência não tem fim (Iaconelli, 2025, apud Stelzer, 2025).

Isso reflete na ética e política do psicanalista, em que o analista deveria ocupar o lugar de suposto saber, e não de saber, ou seja, não se pode sugerir e inventar uma verdade ou subjetividade, pois é preciso ser criado pelo sujeito, por meio do seu inconsciente. A autoteoria é uma experimentação corporal, inspirada por Paul Preciado (2018) em *Testo Junkie*, que faz uma intoxicação voluntária de testosterona e o relato de sua experiência acerca disso, sendo a sua própria cobaia, e ainda descreve seu processo no divã. Este método é um modo de escrita, de transmissão da psicanálise e do operador analítico da experiência de um analista que transiciona de gênero em sua formação analítica.

A autoteoria vai além de uma escrita de si, no que coincide em analisar a própria existência por outra perspectiva, uma vez que ao falar sobre si em um processo de análise, surgem significantes, atos falhos, insights e outras formações do inconsciente, e ao escrever o inconsciente também se manifesta, sendo esta uma outra forma de acessar, a partir de memórias, o percurso formativo. Analisa-se uma passagem entre analisante e analista que se encontra em formação, ocupando os dois lugares, com enfoque acerca de uma experiência angustiante, de ter sofrido transfobia em meio à própria formação, sendo silenciado e ameaçado.

Em 2019, Paul Preciado fez um discurso como forma de in(ter)venção na Escola da Causa Freudiana em Paris, que se tornou seu livro *Eu sou o monstro que vos fala*

(2022), no qual ele critica a psicanálise, os psicanalistas e seus mestres, acerca das violências estruturais dos movimentos identitários. Quando interrompido, ele relata publicamente a violência sofrida, expondo um gesto transfóbico que se tornou amplamente debatido nos circuitos psicanalíticos e feministas. Esse episódio é considerado um divisor de águas no campo psicanalítico. A partir dele, observamos um conjunto de produções que não apenas evidenciam o traço transfóbico presente no campo psicanalítico, mas também movimentam importantes desafios epistêmicos para a psicanálise, sobretudo quando tensionada pelas intersecções com gênero, raça, sexualidade e outros marcadores da diferença. Me inspiro neste autor e o utilizo como base neste texto, sendo eu um analista trans que vos fala.

Se o ser sexual se autoriza por si mesmo e alguns outros (Lacan, 1974-1975), por que o erro das pessoas trans seria querer se livrar do órgão ao invés do significante? (Lacan, 1971-72). Na teoria lacaniana podemos evidenciar como o gênero surge, enquanto uma teoria da sexuação, não nomeando como gênero e sim como identidade sexual, ou como homem e mulher se relacionam e se identificam, se reconhecendo nas relações. Entretanto, a frase mais conhecida acerca das pessoas trans enfatiza sobre o órgão e o significante, de como o ser sexual se nomeia enquanto homem ou mulher por meio do próprio discurso, e o erro das pessoas trans, para Lacan, é fazer intervenções estéticas como procedimentos com hormônios e cirurgias, como forma de fazer semblante, ou seja, um modo de ter uma leitura social do que se aparenta, como um homem na cultura, por exemplo.

Algo tão complexo é tratado pelo autor de maneira a compreender que não necessita a pessoa trans se submeter às cirurgias como forma de ser homem ou mulher, e sim é atravessado pelo próprio discurso de maneira simbólica, mediado através da cultura e da linguagem. Contudo, ele esquece de que as pessoas cisgêneras (pessoas que não são trans, que se identificam com o gênero que lhes foi designado ao nascimento) são as que mais fazem intervenções estéticas, e isso não é questionado em nenhum momento. De fato, não é necessário se submeter a qualquer intervenção estética, porém é de escolha e responsabilidade do sujeito, visto que mesmo com alguma intervenção, as pessoas trans

continuam sendo discriminadas, por não corresponderem a uma norma cisnormativa e binária.

Além de teorizar sobre o tema, Lacan (1976) atende uma mulher trans, o caso de Corinne, no hospital de Saint-Anne, em que ela dizia que desejava se tornar uma mulher, enquanto ele dizia ser impossível isso acontecer, pois mulher tem útero. Com isso, ele contraria a sua própria ética, confundindo a sua verdade com a sua cisnorma, impondo-a. Ainda, no nosso tempo a transfobia se atualiza quando analistas forjam a ideia de epidemia trans, sustentada a partir do argumento de contágio histórico (Jorge & Travassos, 2017); ou ainda, quando outros consideram a perspectiva de uma crise trans (Miller, 2021), que, segundo essa perspectiva, imporá um imaginário trans.

Esses autores já foram criticados por analistas que consideram a legitimação e produção de saberes trans de maneira ética e política, considerando suas subjetividades sem impor uma verdade (Cunha e Ambra, 2021). Contudo, a formação analítica contemporânea se atualiza hoje, através de um novo dispositivo, operando no Brasil enquanto coletivos de psicanálise, que se movimentam acerca das lutas de classe e raça e algumas entre o gênero e a sexualidade.

Os coletivos de psicanálise são inspirados nas *Clínicas públicas de Freud* (Danto, 2019), que foram instauradas como atendimentos clínicos gratuitos para uma população em situação de vulnerabilidade socioeconômica, e a formação freudiana faz parte desse princípio, sendo propagada como uma peste (Lacan, 1955). Com a releitura de Lacan é proposto um retorno a Freud, porém foi transformado em um campo elitista, por isso a sua fama é trazida nesse contexto, visto que fazer formação e análise se tornou algo caro.

Ainda, a sua linguagem complexa se tornou pouco acessível, demandando muito tempo e dinheiro para isso. As suas sessões curtas foram vistas como mercantilização por alguns. Entretanto, ele ensinava por meio de seminários abertos e depois publicava seus escritos. O que mudou foi o que fizeram os analistas que vieram depois, como vemos hoje, quando é preciso pagar para entrar em uma escola de psicanálise. Apesar de ter algumas atividades gratuitas, as jornadas nacionais e internacionais, os cursos e a mensalidade são pagos, e ainda se contabiliza a supervisão de casos clínicos, o que exige expor nossos casos a analistas mais experientes para trabalhar caso a caso. Para se tornar

analista não existe um tempo determinado, a formação é inacabada, tendo como primordial requisito fazer a própria análise pessoal. Logo, o preço é subjetivo, portanto, é preciso sustentar esse processo por tempo indeterminado.

Antigamente, se fazia análise cinco vezes na semana durante 50 minutos, por um analista da IPA (Associação Psicanalítica Internacional), Escola de Freud. Lacan mudou o tempo das sessões, para serem mais curtas, sem um tempo determinado, mas solicitava que o paciente retornasse no dia seguinte, ou seja, necessitava de tempo e, com o tempo, dinheiro. Logo, para Lacan, “não há formação analítica”; “há formações do inconsciente” (Vives, 2023), formando-se na própria análise, com muito custo. Logo, Lacan, por intervir no tempo das sessões, foi expulso da IPA, pois era contrário ao padrão estabelecido. Aliás, o próprio Freud teve a sua formação fora de uma tradição estabelecida por ele mesmo, fazendo análise ao trocar cartas com Fliess, analisando seus sonhos, e ainda escreveu uma autobiografia, o que coincide com um modo de autoteoria.

A minha formação perpassa por Escolas de psicanálise até encontrar com os coletivos, me identificando pela luta de classes, sendo eu de origem pobre e periférica. Foi instaurada a Viena Vermelha por meio de analistas em formação com Freud, atendendo, de forma gratuita, uma população em vulnerabilidade socioeconômica, um movimento psicanalítico popular que se reflete na luta de classes (Gabarron-Garcia, 2023). Freud (1919) diz que “pode-se prever que em algum momento a consciência da sociedade despertará, advertindo-a de que o pobre tem tanto direito a auxílio psíquico quanto hoje em dia já tem a cirurgias vitais” (p. 217). Podemos ver como influenciou a criação de coletivos, com a identificação da diferença, de uma classe trabalhadora, periférica, de negros, LGBTQIAPN+, deficientes, etc. Entretanto, essas pautas foram se cruzando tempos depois, sendo segregadas, como os analistas homossexuais e depois os analistas negros.

Contextualizando a história da formação analítica, houve uma reivindicação de analistas homossexuais que eram rejeitados da formação na Escola de Freud depois de sua morte, mesmo depois do seu posicionamento em prol das pessoas homossexuais, como na carta para uma mãe de um homossexual, em que ele revela que não é possível curar algo que não é doença (Freud, 1935). Logo, vemos como a psicanálise se enveredou

por outro rumo em outras gerações, marcando-a de outra forma. Inclusive, Lacan foi quem acolheu analistas homossexuais em sua Escola, enquanto a IPA (Associação Psicanalítica Internacional) rejeitava (Ayouch & Charafeddine, 2013).

Com isso, os movimentos identitários foram marcados dentro do campo analítico, apesar da repressão entre tempos de guerra. No Brasil, a psicanálise chega através da prática clínica de Durval Marcondes em 1924, no entanto, Juliano Moreira é quem cita Freud em 1899, sendo o primeiro a falar sobre psicanálise no Brasil. Fica marcada a diferença por Juliano ser um homem negro e Durval um homem branco. Quem é reconhecido por inaugurar a psicanálise brasileira foi um branco. Não à toa, Juliano tratava do racismo científico da época, de como se propagou no Brasil também, tentando apagar a população negra da história (Salim, 2010).

Como consciência a gente entende o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber. É por aí que o discurso ideológico se faz presente. Já a memória, a gente considera como o não-saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção. Consciência exclui o que memória inclui (p. 78).

Lélia Gonzalez (1988) afirma que as “formações do inconsciente não são exclusivamente europeias e brancas” (p. 69). E é a partir do movimento negro dentro e fora da psicanálise que os coletivos de psicanálise se instauram no Brasil. Ainda que Freud falasse de raça e pensasse em torno da classe social, a concepção é outra, visto que ele era judeu e não negro, sofrendo de sua origem de outra maneira. A psicanálise brasileira foi instalada e reconhecida através dos trabalhos de Lélia Gonzalez, Neusa Santos Souza, Virgínia Bicudo, Juliano Moreira, Isildinha Baptista, Grada Kilomba, Frantz Fanon, entre outros, popularizando com a intersecção de saberes que se cruzam.

Contudo, é através da minha identificação com o recorte de classe que decido fazer parte de um dos coletivos que encontrei em meio à minha formação. Era um coletivo de analistas periféricos da região do Sudeste do país, trabalhando sobre questões acerca da política na psicanálise, atuando como clínica pública com moradores de uma ocupação cultural.

Além disso, havia grupos de estudo, de discussão de caso clínico e uma formação em que eram promovidos debates por integrantes ou convidados de fora do coletivo. No meio disso, fomos contemplados por um edital de financiamento, considerando a organização de maneira autogestionada e horizontal. Contudo, os convidados eram em maioria homens cisheteros, alguns brancos, poucas mulheres cis e pessoas LGBTQIAPN+ para promover algo ali. Acreditava que era um espaço com abertura para fazer sugestões, mas sentia que era difícil falar sobre isso.

Logo, a distribuição financeira foi dada de forma a contemplar no primeiro mês quem já estava antes na organização do coletivo, e depois iria ser distribuído igualmente, o que já foi um incômodo, pois como era um projeto novo, outras pessoas não ficaram felizes com isso, e poderia ter sido debatido melhor, deixada a distribuição mais justa de alguma maneira. Além disso, surgiu outra demanda na ocupação, em que algumas mulheres cis estavam sofrendo abusos de poder e sexual, dentro da organização da ocupação cultural, inclusive pessoas menores de idade. Foi discutido sobre essa demanda, de como era algo complexo de lidar, precisaria de mais pessoas para atender e ainda fazer supervisão.

No entanto, eu sugiro que essa questão demandava debatermos sobre as masculinidades, considerando as relações de gênero e sexualidade que abrangem as violências acerca do machismo, da misoginia, da homofobia e da transfobia. Alguns integrantes acharam desnecessário, como se já fosse falado muito sobre homens, nem entre o coletivo internamente. A partir disso, percebo como as decisões eram tomadas neste curto período de tempo, evidenciando que a hierarquia estava em jogo, assim como homens cis se sentem na autonomia de decidirem as coisas. Quando é falado sobre isso, é causado um mal-estar no coletivo, principalmente entre dois integrantes que estavam na frente de algumas funções e pareciam agir sem esperar muito a opinião de outros sobre alguma decisão.

Quando aponto sobre isso ser algo sintomático da própria masculinidade que não queriam debater, eles se ofendem, causando “uma ofensa da nomeação” (Pfeil e Pfeil, 2022), uma vez que são vistos diante de uma norma, mesmo quando fazem parte de uma diferença, como homens amarelos e negros, por exemplo. Esse conflito aconteceu dentro

de um coletivo de psicanalistas periféricos, onde havia homens e mulheres cis negros, amarelos e brancos, uma pessoa transmasculina branca e outra não-binária branca, sendo a maioria de origem periférica, de territórios distintos, entre o Sudeste e o Sul do Brasil, alguns graduados em Psicologia, outros graduandos.

O tema das transidentidades não era abordado pelas pessoas cis presentes, era sempre a pessoa transmasculina empurrada para esse debate. Quando é manifestado e denunciado um sintoma coletivo: as masculinidades e o cisheteropatriarcado, alguns integrantes agiram de maneiras agressivas, interrompendo mulheres cis, negando qualquer apontamento feito para si mesmos, recusando ponderar seu próprio sintoma, não conseguindo sequer escutar, saindo de reuniões, silenciando e ainda ameaçando processar a única pessoa transmasculina, enquanto todos estavam questionando e criticando um deles. As opressões se manifestam como opressões distintas, porém são consideradas em conjunto diante da lei de injúria, seja a transfobia, a homofobia ou o racismo.

Ainda, houve uma troca de pronomes e nomes por parte de membros a mim, um homem trans, que denunciava no momento a desigualdade de gênero e o mal-estar presente no coletivo, e isso gerou tamanho incômodo em membros cis, que se sentiram no direito de ameaçar quando é nomeado de transfobia, machismo e misoginia. O que não era sobre transfobia se tornou, visto que todas as outras pessoas estavam incomodadas com a situação também, relatando sobre essa relação de poder que manifestava uma hierarquia entre nós, porém elas não foram atacadas, silenciadas e ameaçadas; isso se voltou para mim, o único homem trans.

O que há é uma disputa por um lugar de poder e a tentativa de silenciamento foi o tratamento consequente. O corpo trans foi colocado na linha de frente como porta-voz. Falar é perigoso, pois “a transformação do silêncio em linguagem e ação é um ato de revelação individual, algo que parece estar sempre carregado de perigo” (Lorde, 1977, p. 51). Cuidado!

O pacto da cisgeneridade masculina existe assim como o da branquitude (Bento, 2022), que promove silenciamentos e narcisismos, no qual revela acordos silenciosos, perpetuando as violências, assim como vemos políticos decidindo sobre questões

importantes sem a própria população, votando de madrugada, enquanto todos dormem, excluindo a classe trabalhadora de participar de seus próprios direitos.

O pacto da branquitude manifesta a admiração ao semelhante, uma cumplicidade, o que podemos ver entre homens cis também, que se protegem, numa lealdade entre si. A ferida narcísica se situa não só na branquitude e na cisgeneridade, como pontua Freud (1918-1939) com o conceito de “narcisismo das pequenas diferenças”, abordado em vários textos, evidenciando que grupos semelhantes entre si tendem a ter conflitos entre si, visto que há diferença entre os semelhantes também, isso tem sua origem:

As guerras civis são em geral descritas como mais impiedosas do que outras guerras, e a luta mais acirrada se dá frequentemente entre irmãos. Os arquétipos são os irmãos bíblicos Caim e Abel, um dos quais era pastor e guardava rebanhos, enquanto o outro cultivava o solo. Vem daí o uso metafórico do termo “fratricida” para descrever uma luta de vida ou morte entre grupos ou comunidades muito semelhantes, que são vizinhas e mantêm laços de proximidade (Blok, 2016, p. 274).

Nós fomos feitos para nos odiar diante de corpos marginalizados em que a sociedade patriarcal apoia tanto o ódio como uma luta livre, que é ensinada a matar ou morrer, vale-tudo. A interseccionalidade entre raça, gênero, sexualidade, classe, entre outros, precisa ser considerada com urgência. Deixar permanecer homens cis que compactuam com violências estruturais e institucionais diz do espaço em si como funcionamento coletivo.

Não falar também é compactuar com o silenciamento. É o medo do perigo da reputação ser comprometida. Manter as aparências é um reflexo da nossa cultura do embranquecimento. Não falar, não deixar falar, tentar calar são formas de opressão. Não se posicionar é se isentar e ser conivente, compactuando. Por isso, a reprodução de opressão se repete. É um carregamento colonial (Rufino, 2019).

Denunciar é um direito de todas as pessoas, manifestar e protestar pelos seus direitos e romper com falsas alianças. Falta debate sobre gênero em espaços periféricos, como se apenas raça e classe fossem importantes. Faltam letramento e consciência de raça, gênero, sexualidade e classe na coletividade, para além da própria conceituação em si do que é vivenciado em cada corpo. O embranquecimento também atingiu todos os homens, independentemente de etnia, raça ou classe. O supremacismo vem da

branquitude. A cisgeneridade anda junto com a branquitude, pois reproduzem normas. Isso tudo é causa, senão do colonialismo, em que através do capital simbólico girando as coisas mudam, criando disputas de poder, com efeitos no neoliberalismo.

Com isso, a estrutura e organização coletiva não era definida, era algo experimentada, como algo horizontal, e o problema da ausência de estrutura se manifesta através de hierarquias invisíveis (Freeman, 1970), a qual constata que geralmente alguém exerce o desejo em estar no topo, verticalizando a hierarquia. “A razão para se construir um movimento fundado em coletivos é porque queremos criar uma cultura revolucionária consistente com nossa visão de sociedade; trata-se de mais do que uma ocorrência; o pequeno grupo é uma solução” (Levine, 1974, p. 5). Que estética queremos para uma formação analítica em coletivos?

Isso recorda o que Neusa Santos Souza (1990) fala sobre não fazer parte de uma instituição analítica, e sim circular entre elas, ministrando aulas e seminários, e ainda aposta nos grupos de estudos pequenos como forma de fazer coletivo. Ainda, Virgínia Bicudo dizia: "Eu me interessei muito cedo por esse lado social. Não foi por acaso que procurei psicanálise e sociologia. Vejam bem o que fiz: eu fui buscar defesas científicas para o íntimo, o psíquico, para conciliar a pessoa de dentro com a de fora" (Bicudo, 2000, p. 4). Com isso, ela tinha um sonho de que o legado da psicanálise pudesse tratar do poder e, assim, do Brasil (Castro, 2017). Por isso, analisar algo acerca do campo psicanalítico também é tratar do poder.

Aposto na interseccionalidade através do trans-anarquismo e dos feminismos, como forma de autogestão mútua ou governo de si que “se movimenta de modo transversal em relação às diferentes formas de violência que atravessam diferentes grupos, algo comum à necessidade de intersecção de marcadores sociais selecionados em coletividades trans e queer” (Pfeil, 2024, p. 155). O caminho é interseccional, na prática, pois não adianta sair da teoria. As relações de gênero precisam ser urgentemente situadas em espaços coletivos de psicanálise, não apenas raça e classe; o reconhecimento de uma classe trabalhadora tem todos esses atravessamentos.

A diferença se estranhar com a diferença não é nada revolucionário, isso sim nos segrega, e o medo de manchar a própria reputação de um coletivo é algo muito grave, que

reproduz a própria colonização, pois isso é silenciamento, isso é encobrimento, mas “a memória tem suas astúcias”, como dizia Lélia (1984, s/p.). O retorno do recalcado está aí, o que era inconsciente retorna. Falar do racismo e do cissexismo não vai fazer com que vocês cis sejam menos machistas, misóginos, transfóbicos, homofóbicos, mas fazer isso é se responsabilizar, assim como gostariam que a branquitude reconhecesse o seu lugar e seus privilégios. A interseccionalidade é posta quando o crime de injúria racial enquadra violências como o racismo, a homofobia e a transfobia, pois não existem outras formas de diferenciar tais violências perante a lei, deixando ao Estado considerar algo do mesmo patamar, mesmo sendo formas diferentes de violência.

As relações de poder recriam hierarquias para perpetuar a desigualdade social, e sem nomeá-las não há como ter consciência de suas existências. A família é a origem dessas relações de poder, na qual os pais agem como proprietários dos filhos, privando-os como símbolo de cuidado, visto que um homem atua como um representante autoritário e dominante, para bell hooks (2019). Ainda, ela considera utilizar a potência do movimento feminista para transformar relacionamentos e tentar acabar com as guerras, com a alienação, competição e desumanização.

Assim como existe o pacto narcísico da branquitude, existe o da cisgeneridade e das masculinidades. “Sugerir que existe uma hierarquia de opressão, (...) evoca um senso de preocupações concorrentes que é desnecessário” (hooks, 2019, s/p.). Uma coisa não é segregada de outra, como se fosse possível considerar apenas raça sem gênero e vice-versa.

Ainda, bell hooks considera que as masculinidades fazem parte da hegemonia cultural e podem se entender como homens que reivindicam uma posição de dominação dentro de uma hierarquia social. Quem luta pela erradicação do racismo e classismo, mas apoia a opressão cissexista está mantendo a base cultural das opressões grupais. Isso não é revolucionário. “Eles falam contra a opressão, mas então definem a liberação em termos que sugerem que somente os “homens” oprimidos precisam de liberdade.” É difícil para os homens considerarem suas companheiras de luta, por exemplo (hooks, 2019). Dizem liberdade, fraternidade e igualdade, mas só para eles.

Quando vamos parar de nos segregar e ver que a diferença que colocamos entre nós é a estratégia de colonização capitalista? Que nós nos matemos entre nós, como uma outra forma de fazer matar e morrer, é criar uma guerra, sendo que ela já existe. Travestis são espancadas em espaços em que o movimento negro está presente, enquanto transmasculinos são excluídos de desfilar em escolas de samba por não serem considerados homens. Até quando nossas diferenças serão maiores do que a desigualdade social em torno das nossas subjetividades? Precisamos tecer estratégias e consideramos falar sobre uma forma de intersecção entre essas desigualdades, como ao racializar o gênero. Por isso, falar é importante.

O negro não é homem, como Fanon (2008) teceu, o negro e o trans não são homens, são homens negros e trans, e ainda trans negros, indígenas, amarelos, gays, bissexuais. Apenas homens brancos e cishetero são referenciados apenas como ‘homem’, pois este homem dispensa adjetivos, é universalizado. Por isso, o gênero tem raça e a raça tem gênero. Porém, utilizar esse discurso para isentar da sua responsabilidade frente ao seu machismo é negar fazer parte de uma estrutura.

Contudo, foi apontada a reprodução de normas como a hierarquização entre gêneros, a inferiorização como misoginia e machismo, deixando as mulheres cis de lado como se fossem assistentes e não protagonistas do projeto. Porém, quando essas problemáticas são apontadas por um homem trans que é branco; isso é apontado como racismo. Como as coisas são invertidas quando se é apontado sobre a própria norma.

Foi nomeado de racismo quando é apontado a reprodução de uma norma de homens negros e amarelos. Ser parte da diferença isenta de reproduzir opressão? De forma alguma. Mesmo não sendo branco, pode reproduzir o racismo, mesmo sendo mulher, pode-se reproduzir o machismo, mesmo sendo gay, lésbica, bi ou trans, pode-se reproduzir a transhomofobia. O estruturalismo é algo enraizado como um chão de concreto, em que todos estão pisando, ou seja, todos fazem parte.

Com isso, a segregação na diferença existe, há uma crise entre nós. Precisamos tratá-la e colocá-la em análise. Uma guerra da minoria, quem apanha mais, quem morre mais? Há um risco em falar, é perigoso, e ainda, querer defender a desigualdade de gênero

também é perigoso, pois as mulheres cis nem sempre vão te estender a mão, o tratamento com o homem trans é diferente, confunde o pronome, te ignora.

O transmasculino também precisa ser respeitado assim como todas as pessoas, é um direito nosso, e a nossa visibilidade está em disputa. Quando é um homem cis, ele é escutado, mesmo quando está oprimindo, logo a masculinidade está em jogo aí, porque quando um homem trans fala não é a mesma coisa?

A malandragem já cantou o ponto de que “é melhor andar sozinho do que mal acompanhado”. Hoje vemos como movimentos de feministas radicais ou de gays e lésbicas que excluem as pessoas trans. Até quando vamos ser segregados? Temos que destacar que uma minoria, na realidade, faz parte da maior parte da população. Entretanto, a transfobia é segregada duas vezes, entre a diferença e entre a cisheteronorma branca.

A segregação representa a separação de povos, como uma diáspora do nosso tempo, em que pessoas trans estão sendo o bode expiatório da vez, e isso se intersecciona com a raça e classe, sendo pessoas trans negras, indígenas e periféricas mais afetadas. “Não existe hierarquia de opressão”, já dizia Audre Lorde (1983), pois cada pessoa sofre de maneira singular e subjetiva.

Como podemos lidar com essas diferenças? Saber mais sobre a extrema-direita? As radfem? As alianças LGB? O conservadorismo da esquerda? Há algo que escapa entre as estratégias de alianças, a qual a própria esquerda está sendo segregada entre partidos e os movimentos sociais lutam em prol das suas próprias identidades, sem intersecção, com exceção de alguns.

Um exemplo é a fala recente de Paulo Galo no Podcast dos 3 irmãos (2026), em que ele é um motoboy que milita no coletivo Entregadores Antifascistas, e diz que ele não precisa defender além da classe dele, que é a de motoboys, sendo que “as pessoas que dão o cu” que defendam os delas. Logo, ele mesmo identifica que sua fala é ofensiva, entretanto diz que é assim que o trabalhador fala, o motoboy, o cara do boteco. As pessoas trans, gays, lésbicas não são trabalhadoras também? Inclusive, muitas são entregadoras também. Não estamos sabendo nos comunicar entre a própria classe trabalhadora?

Na psicanálise o tema da interseccionalidade vem sendo debatido em alguns espaços mais do que em outros, no que podemos ver como a psicanálise faz parte da

cultura e da sociedade, tentando sempre responder às demandas que surgem, como a da segregação. “A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado” (Akotirene, 2019, p. 19). Logo, a inseparabilidade se apresenta quando a homofobia e a transfobia são consideradas como crimes de injúria racial ou de racismo, dependendo do caso (Vivas e Falcão, 2023). Enquanto não existe uma lei que diferencie violências que são distintas, isso demonstra como a diferença se assemelha, numa interseccionalidade.

Contudo, a desigualdade social causa segregação, enquanto que a segregação perpetua a desigualdade, como em um dueto, que provoca duelo entre a diferença. A segregação parte do mal-estar na cultura (Freud, 1930), para surgir revolta e talvez fraternidade. Como em um campo de concentração como o extermínio nazista, criando a margem e marginalizados, os quais estão unidos para morrer, e só assim estão lado a lado (Askofaré, 2009). Contudo, o discurso da ciência moderna propõe uma universalização de saber, normatização e classificação, gerando segregação.

A segregação é banhada em discriminação, exclusão, individualidade, o que reflete através do cientificismo moderno, como se pudesse justificar o racismo e a homotransfobia. A segregação gera sofrimento psíquico, sentimentos de não-reconhecimento e não-identificação. A ciência não pode ser neutra, o psicanalista tampouco, sendo universal, dessexualizado, desracializado, sem classe social definida. A lógica segregacionista coincide com o nascimento da modernidade europeia, em que emergem o colonialismo, o capitalismo e o patriarcado (Askofaré, 2009).

A fraternidade pode ser considerada através da amizade, que pode romper com o individualismo, no que a segregação isola, individualiza, deixa cada um no seu quadrado, em prédios cercados, com portarias 24 horas, seguros, sem falar se quer com seu vizinho, pois a falta de tempo e o cansaço não deixam. A colonialidade é uma matriz colonial de poder, composta por controle da economia, da autoridade, do corpo, do gênero, da sexualidade, do conhecimento e da subjetividade (Quijano, 2005).

Ainda, podemos pensar com Grada Kilomba e Suely Rolnik (2016), que pensam “o inconsciente-colonial-capitalístico” (s/p.), como uma fixação entre o colonizado e o colonizador, que emerge de um feitiço, no que há os condenados a idealizar e imitar o

colonizador, como podemos (co)romper esse feitiço? A Europa e América do Norte já foram e ainda são para alguns o sonho de brasileiros, como se fossem consideradas melhores, seja em segurança, custo de vida, valorização de emprego, porém o tratamento para alguns muda, mesmo em algum país de primeiro mundo. O ideal é branco (Souza, 2021), cishetero e burguês; esse é o feitiço do colonizador. O ódio contra o outro é querer ocupar esse lugar de suposto poder. A segregação é uma “crise das diferenças” (Scholz, 2005), em que não suportamos a diferença do outro, criando um narcisismo das pequenas diferenças.

Na psicanálise isso se repete de outras formas, no que podemos ver em sua história, com o apagamento dos analistas negros. Ainda assim, a resistência destes resgata a intenção da psicanálise, em se tratar não somente do campo clínico, mas também do campo social, propondo trabalhos acerca do racismo, que permanece ainda hoje em resistência. Com isso, se deu a instauração do movimento analítico das *Clínicas públicas de Freud* (Danto, 2019), no qual podemos ver a diferença sendo feita em ser democratizada, com acesso a ela de forma gratuita, seja para ser atendido ou se formar analista, influenciando a criação de coletivos de psicanálise em massa. Isso propõe repensar e revisar a elitização da psicanálise, de como se tornou uma peste, no que as escolas se tornaram um luxo para quem pode pagar para entrar.

A autoteoria como saber transmasculino e modo de transmissão

Ao falar em pagar, há um preço para acessar o outro sexo na teoria lacaniana, em lidar com a própria castração, entretanto, ele supõe que há um erro do sujeito trans. A transfobia é transmitida por Lacan, e depois por Miller, seu genro, e outros do nosso tempo. Lacan (1971-72) dizia que:

É como significante que o transexual não o quer mais, e não como órgão. No que ele padece de um erro, que é justamente o erro comum. Sua paixão, a do transexual, é a loucura de querer livrar-se desse erro, o erro comum que não vê que o significante é o gozo e que o falo é apenas o significado. O transexual não quer mais ser significado como falo pelo discurso sexual, o qual, como enunciado, é impossível. Existe apenas um erro, que é querer forçar pela

cirurgia o discurso sexual, que, na medida em que é impossível, é a passagem do real (p. 17).

Nisso, a cisgeneridade insiste em nomear o outro como bem entender, considerando principalmente através de uma bio-lógica (Oyewùmí, 2025), biopolítica e biopoder (Foucault, 1978-1979), determinando quem é quem, sendo uma vida submetida ao poder da política. Cada cirurgia é uma intervenção no modo de vida e olhar normativo do Outro sobre o corpo trans (Preciado, 2024). Os cisgêneros modificam o corpo o tempo todo, mas a preocupação é com o corpo trans.

Contudo, o significante homem ou mulher é significado pelo sujeito. É através do outro que se reconhece, para além de si mesmo, porém e quando a sociedade e cultura empurram e pressionam para que pessoas que não se enquadram em um padrão cisnormativo sejam trans? Agora, por outro lado, quando não operamos ou não fazemos hormonização, nos confundem, questionam como somos trans se não fizemos nenhuma mudança estética?

Há uma compulsoriedade cisnormativa em parecer homem ou mulher, e até pessoas cis fogem desse padrão, como mulheres cis negras que são vítimas de transfobia em alguns espaços nos últimos tempos, por não considerarem sua estética “feminina”. O que é afinal ser feminino ou masculino? Ou melhor, quem é que define isso? O outro e não nós? Por fim, retomamos na bio-lógica e biopolítica, sendo o corpo trans submetido a uma lógica biologizante da política imposta pela cisnormatividade.

Há uma fixação acerca do corpo, da sexualidade, das relações sexuais, ao invés de se a ter a uma escuta para as emergências inconscientes que surgiam diante do discurso (Ambra, 2017). O gênero se faz, produzindo-o, assim como Corinne diz que é possível transformar um homem em uma mulher, e podemos ainda dizer o contrário também, visto que o gênero é fabricado, não existe algo pronto, ele precisa ser produzido, em um tornar-se constante, no que se encontra em formação (Santos, apud Ambra, 2017). É aí que o fazer se confunde com o ser, pois as questões que rondam uma transição de gênero estão situadas mais no fazer do que no ser em si, visto que não existe uma identidade fixa, existe um ideal do que se quer ser, porém, é no fazer que o sujeito emerge, não fixando em sua fantasia neurótica e fazendo algo com isso.

A psicanálise lacaniana deixou rastros e contaminou seu rebanho, e a transfobia foi uma herança deixada, visto que para alguns analistas há uma epidemia trans como forma de contágio histórico, devido a uma autorização em massa, como uma influência social de pessoas trans, e uma preocupação com as crianças, como pensam os conservadores sobre a família tradicional brasileira (Jorge & Travassos, 2017). Ocorre que, a psicanálise foi considerada uma peste, em que Freud fala quando vai com Jung para os EUA (Lacan, 1955), sem ele mesmo ter ideia de como ela seria propagada, com discursos homofóbicos por analistas depois de sua morte, que inclusive recusaram a entrada de analistas gays e lésbicas na IPA (Associação Psicanalítica Internacional), algo que sua filha Anna Freud lutou para reivindicar os direitos dos homossexuais na psicanálise, sendo ela uma. Até que estes/as foram aceitos/as na Escola fundada por Lacan, a Freudiana de Paris, em 1964 (Ayouch & Charafeddine, 2013).

Hoje temos vários analistas cis gays, lésbicas, bissexuais, enquanto as pessoas trans são vistas como uma epidemia e não como colegas do mesmo campo. “Cuidado, pessoas cis, somos contagiantes. A gente contamina o outro com possibilidades” (Cavalcanti apud Ambra, 2023, p. 4). E ainda “o que as transidentidades demonstram de mais ameaçador à teoria psicanalítica é o questionamento de uma visão de mundo” (Vicente & Cavalheiro, 2023, s/p.). Há uma resistência dos analistas. O que desejo com isso é usar dessa contaminação como uma transmissão, contaminando com os saberes trans, não com uma epidemia, com uma doença, mas sim com uma saída, como cura da cisnorma que mais mata pessoas trans no mundo. Por isso, transmitir a psicanálise com a autoteoria trans é uma forma de rever a formação da psicanálise.

Analistas francesas feministas já questionavam a teoria lacaniana, e inclusive uma delas foi expulsa de sua Escola, a Luce Irigaray, depois de publicar seu livro *Speculum: de l'autre femme* (Espéculo: da outra mulher) em 1974. Ela considera que não existe apenas uma forma de prazer e ainda, não existe apenas o falo, existe também dois lábios, que colaboram para pensarmos na fricção entre os dois lábios. Com isso, podemos analisar como Lacan lidava com as diferentes críticas de seu pensamento (Cossi, 2016). Miller (2021) vai de encontro a seu pensamento, apesar de acusar Lacan de abuso de poder.

Nada é para levar a sério, nem os Wokes, nem o MeeToo ou a militância trans. Nos sentimos livres para pensar que, neste ponto, Miller se alinha a certo discurso, típico na direita, contra o “politicamente correto” e também contra os movimentos ditos identitários e um suposto “vitimismo” generalizado (Cunha & Ambra, 2021, s/p.).

O incômodo de Miller é acerca da visibilização das transidentidades, assim como Jorge e Travassos, no que podemos ver o incômodo de quando identidades que eram apagadas são tão escutadas agora. Ainda, ele diz que os analistas precisam ser “dóceis com as pessoas trans” como Freud foi dócil com as histéricas, lugar esse que é de controle, de obediência, pois os “politicamente corretos” na fala dele remetem a uma desobediência às normas, ditas cisgêneras e binárias. “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (Foucault, 1999, p. 118). Foucault equivale o corpo dócil à postura de um soldado, em que se sacrifica em nome da honra pela sua pátria. Quem é dócil, afinal, senão os extremistas de direita?

Portanto, além de sermos dissidentes, é preciso sermos desobedientes, não sem causa, pois vemos como a transfobia é orquestrada como forma de violentar corpos que fogem de uma norma social, seja pela desigualdade, existindo uma minoria, resistindo à compulsoriedade da cisheteronorma. A autoteoria nos serve como uma certa desobediência, em contar-nos a nossa história, diferente do que sempre ocorreu por tanto tempo, de psicanalistas, psiquiatras falarem sobre as experiências trans, e ainda criticarem suas teorias que são tão limitadas e ultrapassadas, não vendo que independentemente de suas violências não foi possível nos apagar, pois nós nos multiplicamos a cada morte de uma pessoa trans e travesti, resistindo.

A autoteoria é um método autoral, que contempla um modo de escrita, um modo de transmissão da psicanálise e ainda um operador analítico, fabricando uma teoria. Ela advém das autoras feministas negras como Audre Lorde, bell hooks e Conceição Evaristo com as Escrevivências. Preciado atualiza esse método ao escrever acerca das experiências trans, assim como faz também Butler, o fez Foucault e Freud para fundamentar suas teorias, considerando como partes da marginalização também, sejam enquanto judeu, gay, lésbica, trans e não-binárias, pessoas negras, indígenas, com deficiência, etc. Para Lauren Fournier, "as subjetividades trans foram [historicamente] frequentemente impedidas de

se escreverem em filosofia" (Black Brazil Art, 2021) e na psicanálise. "Quando a diferença sexual não pode ser vista, ela precisa ser produzida de alguma maneira" (Favero, 2021, s/p.). Por isso, eu sou um analista trans que vos fala.

Preciado (2018) considera a autoteoria ou autocobaia uma prática transfeminista, exercitando um tipo de escrita que está sendo mais utilizado no momento como forma de deixar um legado, historicizando e registrando a nossa (re)existência. Foucault (1970) diz que "pessoas que tinham estado, durante gerações e gerações, excluídas não apenas do poder político, mas também do direito de falar, redescobriram a possibilidade de falar e, ao redescobrir essa possibilidade, descobriram também que o poder estava de certa forma ligado ao direito à palavra" (s/p.). Na medida em que somos escutados, percebe-se a importância de falar, visto que as transidentidades não eram consideradas, até ser uma identidade que se tornou estatística de notícias de assassinatos no Brasil, sendo o 16º ano consecutivo em que o país mais mata pessoas trans do mundo (Narcisa, 2025).

Entretanto, Herzer (1982) dizia que "um homem jamais morre, enquanto sua existência for recordada". Logo, escrever é um modo de não ser apagado. E ainda, "Não existe universalização das experiências trans" (Rodrigues, 2025), o que há é uma forma de singularizar o que existe na coletividade, se inscrevendo na história das transmasculinidades com a subjetividade própria. Assim como falar, escrever tem sua potência e causa.

Está em jogo como inventar uma subjetividade como uma prática ética e política, e situando como produzimos psicanálise fazendo parte de uma diferença, sendo ela não inventada, mas sim desconstruída (Derrida, 1967), não destruindo-a e sim cooptando-a e hackeando-a para uma outra possibilidade, sendo uma teoria aberta à revisão, crítica e análise, refazendo-a e inscrevendo outra história da psicanálise. Contudo, a ética psicanalítica (Lacan, 1959-1960) é do desejo, de maneira a separá-lo de sua alienação, visto que o desejo é do Outro. O fundamento da ética está pautado no reconhecimento do inconsciente e da verdade produzida pelo sujeito, e respeitar isso é a política do psicanalista, sendo o inconsciente a política, escutando e legitimando o sofrimento do sujeito. Com isso, é com a ética e política que busco dar um fim àquilo que nos machuca, encontrando outras possibilidades de continuar (re)existindo.

É preciso dar um fim naquilo que nos machuca

Me inscrevo nessa toada como forma de dar um fim naquilo que nos machuca, não como muito mostra a estatística acerca dos transmasculinos no Brasil, ou que não são notificadas até, ao serem suicidados, como Herzer, que teve uma vida cruel e curta. Por isso, assim como falar, escrever é uma forma de curar daquilo que nos corrói, como a norma que tenta nos encaixotar em uma jaula apertada. Em meio a isso, escrevo também como forma de enaltecer a memória transmasculina, assim como João Nery, que trouxe certa visibilidade para a nossa identidade, um homem trans graduado em Psicologia, mas que não pode atuar devido à sua transição de gênero, tendo o seu registro cassado e sendo forçado a trabalhar para sobreviver com subempregos, como motorista, etc.

Essas histórias lembram um tanto de mim, da minha vivência, de formas diferentes, mas que posso compreender minimamente que tipo de experiências são essas, de não ter uma expectativa de vida longa quando a estatística já mostra o quanto podemos sobreviver, seja de 35 anos por assassinato ou suicídio. Em meio a isso, recordo que já atentaram contra a minha própria vida antes mesmo de me identificar como uma pessoa transmasculina, seja abusando ou tentando me matar.

Porém, decido dar outro fim nisso, que provoca um corte, que pode ser representado por uma transição, que se morre simbolicamente como um modo de continuar a viver. Tive que cortar a cisheteronormia da minha vida, me distanciando da minha cidade, da minha família, do meu passado, para ressignificá-lo, voltando lá em breve, ao perceber que a minha família me ama, furando a minha própria expectativa. Além disso, me distanciei para tomar impulso, para transicionar, amar e ter oportunidades como meio de ascensão social, algo que não via perspectiva onde estava.

A ideia é hackear o dispositivo psicanalítico, utilizando-o e decodificando na nossa linguagem a partir de uma experiência de vida que não se resume a um sistema normativo. Podemos, sim, inventar uma nova forma de subjetividade que não se atrela a cisheteronormia e não seja psicótica, perversa ou advinda de um contágio histórico. Isso vai além de uma estruturação clínica, em termos analisados não por isso, mas pela nossa

própria singularidade e subjetividade, sendo neuróticos ou não. Utilizar a psicanálise a nosso favor pode ser uma ferramenta útil, visto que a transferência transforma o sujeito, é por isso que eu insisto, porém, criticando a própria teoria com todo rigor, sem uma política de cancelamento.

Logo, não é com Lacan que irei me basear para pensar nas questões de gênero, apesar de ter sido uma base para as analistas feministas francesas. Desde a sua morte se passaram quarenta e cinco anos, e com isso temos vários autores ressignificando e atualizando o tema, e por que não usamos? Eu preferi não focar na própria teoria lacaniana, para trazer algo novo, de como vivemos em outro tempo e com outras subjetividades, como as transmasculinas.

Antes disso, entre os cinco anos de idade, resolvo cortar o meu cabelo, deixando-o bem curto para parecer com os meninos, deixando a minha mãe em pânico. Não suficiente, ela me força a usar vestidos e saias para não me confundirem com um menino, enquanto eu tirava a camisa na aula de Educação Física como modo de desobediência. Essas lembranças me fazem recordar como eu sou, um desobediente com causa, recusando imposições e normas sociais.

Aos 7, peço para a minha mãe me chamar de Rafael, outro choque para ela, para depois não dizer que não avisei, eu sempre deixei meus rastros. Hoje, de tantos nomes que já fui e pude ser, mudo para Martin, encontrando minimamente uma sensação de pertencimento, ao entrar para um terreiro de Umbanda, e ouvir que carrego um pescador que vem pela linha dos marinheiros, e escuto um ponto do Martin Pescador, e identifico esse nome, alguém que tentando se equilibrar na vida como um marinheiro no mar. Um mar calmo não faz bons marinheiros, de fato.

Além disso, recorro em análise que a minha antiga analista foi muito importante para mim, com quem eu me sentia escutado, representando uma figura materna que não tive, e tempos depois descubro por suas redes sociais que ela tinha um filho e ele se chama Martin. Isso reverberou na minha formação enquanto um analista trans, simbolizando essa relação. Por isso, a transmissão tem relação com a transferência, o que se transmite na maneira que os analistas se posicionam, e como pude experienciar, a transferência transforma vidas, pois transferência é amor, e toda relação é amorosa, e é isso que gostaria

de propagar, como forma de dar fim a aquilo que machuca, na transfobia e demais formas de violência. Em éticas amorosas e de amizade, fortalecendo nossos laços, se amando como forma de organizar a nossa raiva, impulsionando para continuar a lutar.

A minha formação enquanto sujeito se enveredou por esses caminhos. Me perdendo um pouco para poder me encontrar, em meio a um desamparo, tenho sonhos de me ver no futuro, e ao buscar sobre os significados disso, no terreiro, nos livros, encontro com Freud, e me fascino por esse saber do inconsciente, querendo saber como significar os meus sonhos, assim como saber quem sou, qual a minha identidade de gênero, de onde venho, para onde vou, e até onde o saber pode levar. Entro para a Psicologia e conheço psicanalistas, professores que me indicam para uma Escola de psicanálise e o meu primeiro analista. Entre isso, encontro duas questões, uma a partir de quando tenho aulas sobre sexualidade humana, me percebendo como uma pessoa andrógina, e a outra questão seria perceber que o meu sonho que achava ser algo sobre o futuro era o meu passado, visto que eu precisava saber de onde vinha para saber para onde ir, e ainda quem eu sou, algo existencial para um bom neurótico obsessivo.

Com isso, entre quem eu sou, o que desejo e qual a minha origem, me deparo com a transfobia desde criança, se repetindo nas minhas relações, onde eu não poderia ser trans se quisesse namorar quem eu amava, e por fim, era discriminado por ser pobre e periférico. Ainda, quem eu me relacionava era uma psicanalista cisnormativa, e na época fui muito influenciado por ela no meu processo formativo, e sendo cooptado de maneira a adentrar esse universo, que além de cisnormativo é elitista e racista, assim como pude evidenciar me relacionando com ela. Logo, vejo como a psicanálise não se resume a isso, pois assim como eu sou um analista e criei formas de hackeamento, outras pessoas já fazem isso, como me inspiro muito em analistas negros que produzem uma outra psicanálise, portanto, ela não é a mesma, nem do seu tempo, nem da sua origem, ela está em transformação. A questão é de que perspectiva queremos ver isso.

Decido tentar um mestrado para ter mais oportunidade e pesquisar sobre psicanálise e gênero, o que demorou alguns anos até conseguir de fato algo. No meio disso, dou outra chance para o amor, e que para isso precisava cruzar fronteiras, parando em terras cariocas. Logo, a Educação foi a porta que se abriu em meio a tantas outras

portas fechadas, e não pensei duas vezes e entrei, tendo a chance de ser bem orientado por alguém um tanto crítico com a psicanálise, uma grande influência foucaultiana, que me inspira a pensar como estou bem acompanhado. Ainda, não poderia esquecer de que apesar da solidão que me acompanha, sinto que é melhor se sentir só do que estar mal acompanhado, mas sei os que me acompanham, tanto vivos quanto mortos, considerando como um bom macumbeiro que meus guias sempre me influenciam por onde vou e estou, e sou muito grato por isso, carregando o axé que cultuo não apenas nessa vida, mas de outras, dos meus ancestrais.

O tema atravessa não só a própria formação, mas também os fundamentos psicanalíticos, e a formação do próprio sujeito, logo, repensar a formação é o meio que encontro como forma de permanecer nela, considerando algo que escuto da minha analista, Renally, de que é preciso ter estratégias e compreender com quem e onde eu quero ser reconhecido, isso é fundamental para mim. Há espaço, na psicanálise, para subjetividades que não se organizam apenas pela lógica ocidental, branca, cis? Se não tiver, vamos criar? Apesar dos pesares, acredito ainda nos coletivos espalhados pelo Brasil em que resistem e insistem para pensar a própria colonialidade da psicanálise. O que podemos fazer com isso é contaminar a psicanálise.

Contudo, acredito que a autoteoria contribui para transmitir a psicanálise por uma outra perspectiva, sendo contada uma a uma, considerando a singularidade das subjetividades. Nos resultados dessa análise pude me deparar com a segregação nas diferenças, sendo uma análise individual em meio à tantas outras semelhantes que vemos em casos de transfobia, fora outras violências. Entretanto, esse é um resultado diante do tempo em que vivemos, que é de uma ascensão do fascismo, algo que pensávamos que não poderia acontecer de novo, porém isso parece ser um sintoma, que tem um retorno. O sintoma emite um sinal de que existe um mal-estar generalizado e ele é senão um sinal dos resquícios do que já foi vivido por muitos há tempos atrás, antes da ditadura militar, como o nazismo. Logo, percebo a importância de investigar como isso ocorre, em meio à uma multidão devastada pelo capitalismo e colonialismo, questionando: o que nos une e o que nos separa?

Referências

- AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen Livros, 2019.
- AMBRA, Pedro. A cisgeneridade em questão. *Revista Cult*. São Paulo, 2023.
- AMBRA, Pedro. *Das fórmulas ao nome: bases para uma teoria da sexuação em Lacan*. 2017. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- ASKOFARÉ, Sidi. Aspectos da segregação. *A Peste*, v. 1, n. 2, p. 345-354, 2009.
- AYOUCH, Thamy; CHARAFEDDINE, Lucas Bulamah. A homossexualidade dos analistas: história, política e metapsicologia. *Percurso*, n. 51, p. 115-126, 2013.
- BAGAGLI, Beatriz; ATHAYDE, Thayz. O pânico antitrans e a cisnormatividade. *Revista Cult*, ed. 290, 2023.
- BENTO, Berenice. Europa: homonacionalismo e racismo. *Revista Cult*, 2023.
- BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BICUDO, Virgínia Leone. Fui buscar defesas para o íntimo. Entrevista concedida a Anna Veronica Mautner. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, Ilustrada, 2000.
- BLACK BRAZIL ART. Um mergulho feminista profundo na autoteoria. *Black Brazil Art*, 2021.
- BLOK, Anton. O narcisismo das pequenas diferenças. *Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, 2016.
- CASTRO, Ronaldo Mendes de Oliveira. História da psicanálise em Brasília. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 2017.
- COSSI, Rafael Kalaf. *A diferença dos sexos: Lacan e o feminismo*. 2016. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- CUNHA, Eduardo Leal; AMBRA, Pedro. O trans imaginário de Miller (e de alguns outros). *Revista Lacuna*, n. 11, 2021.
- DANTO, Elizabeth Ann. *As clínicas públicas de Freud: psicanálise e justiça social (1918-1938)*. São Paulo : Perspectiva, 2019.

- DERRIDA, Jacques. *De la grammatologie*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1967.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FAVERO, Sofia. *Crianças trans: infâncias possíveis*. Belo Horizonte: Devires, 2021.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1970.
- FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- FREEMAN, Jo. A tirania das organizações sem estrutura. *Revista Jacobin*, 2020.
- FREUD, Sigmund. Carta a uma mãe preocupada com a homossexualidade de seu filho. In: In: **FREUD, S. Amor, sexualidade, feminilidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. Obras incompletas de Sigmund Freud, v.7, p. 349-352, 1935.
- FREUD, Sigmund. Caminhos da terapia analítica. In: **Freud, S. Obras completas, vol. 14. História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)**. Companhia das letras, 1919.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GABARRON-GARCÍA, Florent. *Uma história da psicanálise popular*. São Paulo: Ubu, 2023.
- GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural da amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, 1988.
- HERZER, Anderson. *A queda para o alto*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- HOOKS, bell. *Teoria feminista: da margem ao centro*. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- JORGE, Marco Antonio Coutinho; TRAVASSOS, Natália Pereira. A epidemia transexual: histeria na era da ciência e da globalização? *Revista Latinoamericana de Psicopatología Fundamental*, v. 20, n. 2, p. 307-330, 2017.
- KILOMBA, Grada; ROLNIK, Suely. Quando as palavras se deslocam do inconsciente colonial. **Instituto Goethe**, 2016.
- LACAN, Jacques. A coisa freudiana ou Sentido de retorno a Freud em psicanálise. In: **Escritos**. Zahar, 1955.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1959-1960.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1971.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 19: ...ou pior*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971-1972.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 22: R.S.I.* Rio de Janeiro: Zahar, 1974-1975.

LACAN, Jacques. *Sur l'identité sexuelle: à propos du transsexualisme*. Paris: Association Freudienne Internationale, 1976.

LEVINE, Cathy. A tirania da tirania. *Black Rose*, n. 1, 1974.

LORDE, Audre. Não existe hierarquia de opressão. *Interracial Books for Children Bulletin*, v. 14, n. 3, 1983.

MILLER, Jacques-Alain. Dócil ao trans. *AMP Blog*, 2021. Disponível em: <https://uqbarwapol.com/wp-content/uploads/2021/04/JAM-DOCILE-AU-TRANS-PT.pdf>. Acesso em 05/03/2026.

NARCISA, T. Brasil é o país que mais mata pessoas trans e travestis, aponta dossiê. *CNN Brasil*, 2025.

OYEWÙMÍ, Oyèrónkẹ. *Estudos africanos de gênero*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2025.

PODCAST 3 IRMÃOS. Como melhorar a comunicação com os trabalhadores? Entrevista com Paulo Galo. *Podcast 3 irmãos*. 9 abr. 2026. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=18JEny08jNY>. Acesso em: 27 abr. 2026.

PFEIL, Bruno Latini; PFEIL, Cello Latini. A cisgeneridade em negação: apresentando o conceito de ofensa da nomeação. *Revista de Estudos em Educação e Diversidade*, v. 3, n. 9, p. 1-24, 2022.

PFEIL, Cello Latini. Sobre um transfeminismo libertário. *Revista Anômalas*, v. 4, n. 1, p. 142-160, 2024.

PRECIADO, Paul B. *Dysphoria mundi: o som do mundo desmoronando*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

PRECIADO, Paul B. *Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

PRECIADO, Paul B. Operação em primeira pessoa. *Revista Quatro Cinco Um*, 2024.

PRECIADO, Paul B. *Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RODRIGUES, Esteban. Ancestralidade poética transmasculina: O que temos feito com memória das transmasculinidades? ou “até onde vai a universalização das transgeneridades na literatura”. *Médium*, 31 de julho de 2025. Disponível em: <https://estebanrodrigues.medium.com/ancestralidade-po%C3%A9tica-transmasculina-o-que-temos-feito-com-mem%C3%B3ria-das-transmasculinidades-a4fc68903a17>. Acesso em: 05/03/2026.

SALIM, Sebastião Abrão. A história da psicanálise no Brasil e em Minas Gerais. *Mental*, Barbacena, v. 8, n. 14, 2010.

SCHOLZ, Roswitha. Intersektionalität und Diversität in der altlinken Sackgasse. *Exit!*, n. 22, 2025.

SOUZA, Neusa Santos. Só e bem acompanhada. *Cadernos de Psicanálise*, 1990.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

STELZER, Manuela. Vera Iaconelli vai de analista a analisada em novo livro. *Revista Quatro Cinco Um*, 2025.

VERGUEIRO, Viviane. Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes. 2015. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – **Universidade Federal da Bahia**, Salvador, 2015.

VICENTE, Helena; CAVALHEIRO, Rafael. Psicanálise e transidentidades em tempos de mutação epistêmica. *Revista Cult*, 2023.

VIVAS, Fernanda; FALCÃO, Márcio. STF permite reconhecer ofensa contra LGBTQIA+ como injúria racial. *G1*, Brasília, 2023.

VIVES, Jean-Michel. Não há formação analítica. *Revista Lacuna*, 2023.

Transphobia and trans-mission in the experience of a trans psychoanalyst

Abstract: The work in screen discusses the transphobia in the psychoanalysis, inviting analysts to re-examine their cisgender privileges. The proposal of this essay is to invert the logic of the hegemonic discourse that name (and pathologises) the difference, endeavouring (from the situated position of a trans psychoanalyst) to locate in the field of psychoanalytic practices networks of (cis)normative utterances. Our objective is to rethink the formation of analysts, considering the brands of cisnormativity in the epistemological construction of this field of knowledge. We endeavour to analyse networks of enunciation that configure transphobic discourses and practices in an experience situated in a collective of peripheral psychoanalysts. Follow those enunciative movements is essential to understanding how the transphobia is structured and sustained by the narcissism of small differences. The methodological principles this problematization if support in auto theory, what analyses theory through personal experience. The results of this essay suggest possibilities for ethical and political inflection in the psychoanalytic field, from an openness to the revision of its normative principles, calling for the sign up a transmasculine to know in the (trans)formation of psychoanalysis, situated within an epistemic transition.

Keywords: Transphobia. Psychoanalysis. Formation.

Recebido em: 15/12/2025

Aprovado em: 31/12/2025